

Rejane de Oliveira **POZOBON**; Clarissa Mazon **MIRANDA**
Universidade Federal de Santa Maria – Brasil

A escolha das fontes para reportagens sobre meio ambiente e mudanças climáticas: uma possível abordagem em relação ao enquadramento proposto por *Veja*

La elección de las fuentes para reportajes sobre el medio ambiente y los cambios climáticos: un posible abordaje en relación al encuadramiento propuesto por *Veja*

The choice of news sources on environmental and climatic changes: a possible approach to the framing proposed by *Veja*

Recebido em: 31 out. 2010
Aceito em: 21 jul. 2011

Rejane de Oliveira Pozobon é doutora em Ciências da Comunicação e professora adjunta do Departamento de Ciências da Comunicação e do Mestrado em Comunicação da UFSM.

Contato: rejane.op@terra.com.br

Clarissa Mazon Miranda é mestranda em Comunicação pela UFSM e integrante do Grupo de Pesquisa “Estudos do Jornalismo”.

Contato: miranda.clarissa@gmail.com

RESUMO

O jornalismo brasileiro tem dedicado cobertura cada vez mais frequente aos temas ligados à relação entre o homem e o meio ambiente e às conseqüências das mudanças climáticas. A forma como a imprensa aborda essas questões trará reflexos no que a população irá debater e pensar sobre tais temas. A partir de uma quantificação e categorização das fontes nas reportagens de mudanças climáticas e meio ambiente publicadas por *Veja* no primeiro semestre de 2010, o artigo propõe observar uma possível relação entre a escolha das fontes e o enquadramento e o agendamento proporcionados por este semanário. As conclusões obtidas parecem confirmar que há indícios de uma relação entre a escolha das fontes e o enquadramento ofertado pela publicação em relação às questões em pauta.

Palavras-chave: enquadramento; clima; meio ambiente; fontes; revista *Veja*.

RESUMEN

El periodismo brasileño ha dedicado cobertura cada vez más frecuente a los temas relacionados con la conexión entre hombre y medio ambiente y a las consecuencias del cambio climático. El modo como la prensa aborda estos temas traerá reflejos en lo que la población irá debatir y pensar sobre tales temáticas. Desde una cuantificación y categorización de las fuentes en los reportajes de cambios climáticos y medio ambiente publicadas por *Veja* en el primer semestre de 2010, el artículo propone observar una posible relación entre la elección de las fuentes y el encuadramiento y el agendamiento proporcionados por este semanario. Las conclusiones obtenidas parecen indicar que hay indicios de una relación entre la elección de las fuentes y el encuadramiento ofrecido por la publicación en relación a las cuestiones en pauta.

Palabras clave: encuadramientos; clima; medio ambiente; fuentes; revista *Veja*.

ABSTRACT

The Brazilian journalism has been dedicating a great deal of attention to themes connected to the relation between man and environment and to the consequences of climatic changes. The way in which the press approaches these issues will bring reflexes on what people will debate and think about such themes. From a quantification and categorization of the sources on the stories about climatic changes and environment published by *Veja* on the first semester of 2010, we propose to observe a possible relation between the choice of the sources and the framing and the agenda-setting proportionate by this magazine. The conclusions obtained seem to confirm that there are evidences of a relation between the choice of the sources and the framing offered by the publication in relation to the questions in focus.

Keywords: framing; climate; environment; sources; *Veja* magazine.

Introdução

Os debates acerca das mudanças climáticas e da interação entre homem e meio ambiente constituem um dos principais assuntos em foco no espaço público brasileiro. Trata-se de uma polêmica suscitada, em grande parte, pela exposição midiática que esses temas recebem. O presente estudo pretende observar mais de perto a exposição midiática de tais temas, trazendo para análise a versão impressa da revista *Veja*, um dos semanários de maior tiragem e circulação no país. Estudando a forma como essa publicação tem divulgado as referidas questões ao longo do primeiro semestre de 2010, pretende-se ter uma amostra das fontes escolhidas por *Veja* em algumas reportagens sobre os temas citados para que se possa observar padrões. Além disso, coletar indícios para realização de possíveis estudos ampliados sobre a relação entre as fontes escolhidas e as formas como estes temas têm sido agendados pela revista e que enquadramentos são adotados.

A escolha da mídia revista tem como objetivo contribuir com outros esforços científicos do Grupo de Pesquisa *Estudos do Jornalismo*¹, que atualmente se dispõe a analisar temas como enquadramento, acontecimento, fontes e agendamento em quatro dos principais semanários brasileiros (*Veja*, *Carta Capital*, *IstoÉ* e *Época*)².

Ademais, percebemos que, no Brasil, as revistas sempre ocuparam um posto nobre na imprensa escrita. O semanário *Veja*, por exemplo, é tido como um dos de maior credibilidade do país há décadas. Influencia, por seu perfil de assinaturas e de consumo em bancas, um público que está entre a população de maior formação educacional do país. Conforme explica Sousa (2004), *Veja* se encaixaria no modelo das revistas de informação noticiosa, ou seja, aquele centrado em temas como política, econômica, social e cultura. Esse autor ressalta ainda que, na atualidade, se poderia adicionar aos conteúdos de crescente importância abordados a tecnologia e o ambiente.

Meio ambiente e mudança climática na imprensa brasileira

O interesse da imprensa pelas questões ambientais não pode ser considerado recente. Ele evolui em compasso parecido ao do interesse público sobre tais temáticas.

¹ Certificado desde 2000 pelo CNPq.

² Estes conceitos integram o projeto em andamento “Testemunhos e *experts* nos acontecimentos das catástrofes ambientais – uma análise de *Veja*, *Época*, *Isto é* e *Carta Capital*” contemplado no Edital MCT/CNPq N° 014/2010 – Universal.

Conforme elencam Fialho *et al* (2008, *apud* Pinto, 2009), o ambientalismo surge nos Estados Unidos em 1956 e, neste mesmo ano, na Inglaterra organiza-se um debate sobre a qualidade do ar puro. O Clube de Roma será fundado em 1968, com o intuito de discutir os impactos ambientais e, em 1972, publica o relatório “Os limites do Crescimento”, colocando em pauta a crise ambiental resultante do crescimento econômico desenfreado. Do mesmo ano é datada a criação do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente. Um pouco antes, em 1968, ocorrera a Conferência sobre Biosfera, em Paris.

Anaelson Leandro de Sousa (2006:1) observa que as primeiras informações ambientais no Brasil começaram a aparecer ao longo da década de 1960, quando as pesquisas sobre “poluição” foram realizadas em São Paulo e demonstraram que o progresso industrial poderia trazer efeitos negativos. É também nesta época que vai se registrar o surgimento das primeiras organizações ambientais brasileiras. Moraes (2008:5) afirma que a imprensa começa a interessar-se pelas questões ambientais na década de 1960 junto à ascensão do movimento ambientalista.

Dando sequência à Conferência sobre Biosfera, um dos eventos internacionais a focar a atenção da imprensa sobre os temas relacionados ao meio ambiente foi a primeira Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente Humano, na cidade de Estocolmo (Suécia), em 1972. É com a Rio-92, ou Eco-92, no entanto, que os meios de comunicação brasileiros vão abrir um espaço mais amplo para a divulgação dessas temáticas. A conferência reúne no Brasil os principais pesquisadores, chefes de Estado e representantes do terceiro setor que atentavam para os problemas ambientais hoje amplamente estudados, tais como o desmatamento, aquecimento solar e efeito estufa.

Em 2000, a ONU lança os oito Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (ODM). Até 2015, 198 nações signatárias do pacto firmado na Cúpula do Milênio, em Nova Iorque (EUA), se comprometem a reunir esforços no cumprimento dos objetivos estabelecidos. O sétimo, na lista de oito enunciados é “Garantir a Sustentabilidade Ambiental” e se desdobra em metas como redução da poluição, da falta de acesso a água potável, reverter a perda de recursos ambientais e a emissão de gás carbônico *per capita*. Em 2002, esses e outros temas foram abordados na Conferência Rio+10, trazendo para a esfera pública o debate sobre a interação entre homem e meio ambiente e avaliando os resultados da Rio-92.

A partir dessa maior cobertura dos meios de comunicação para os assuntos ligados ao meio ambiente, o que se pode observar é que boa parte daquilo que chega ao

público sobre as questões ambientais do planeta é transmitido por meio das mídias. Segundo Luckmann (2006), o discurso emitido nestes âmbitos “tem na mídia, e principalmente no jornalismo, uma de suas principais caixas de ressonância” (2006:56).

Tal perspectiva parece estar de acordo com o pensamento de Massierer (2008) quando essa aborda a entrada dos assuntos ambientais no contexto dos fatos noticiáveis: “Os problemas ambientais passam a ser notícia na medida em que são reconhecidos como tal pela sociedade e entram no rol de assuntos que podem ser tratados jornalisticamente a cada rotina diária de produção.” (2008:11)

O noticiário acerca dos temas relacionados ao meio ambiente se dará com características próprias também segundo a mídia em que é veiculado. Para Bueno (s/d), o entendimento do jornalismo ambiental brasileiro se torna mais claro quando é correlacionado às especificidades impostas por cada mídia. “Em virtude das peculiaridades de cada mídia (sistemas de produção, recursos de expressão e interação, formas de recepção) e do perfil de sua audiência, o discurso varia assim como sua capacidade de influência.” (BUENO, s/d). O autor observa ainda a característica interdisciplinar das pautas ambientais, permitindo a esses temas extrapolarem as editoriais de Meio Ambiente e estarem presentes também em assuntos políticos, econômicos e culturais.

A pesquisa científica em torno do noticiário ambiental brasileiro parece, portanto, relevante enquanto forma de ampliar os conhecimentos dos próprios profissionais da comunicação acerca do entendimento social criado a partir das notícias para temáticas que hoje alcançam profunda relevância.

Esse entendimento social poderá ser mais bem compreendido se resgataremos o conceito de *agenda setting e framing*, pois entendemos que cabe ao jornalismo suscitar o debate nos espaços públicos sobre as questões ambientais, determinando inclusive quais temas dentre essa temática estarão mais em voga.

O *agenda setting* faz referência à ideia de despertar a preocupação pública sobre algo, levando o público a tomar consciência de um fato (KUNCZIK, 1997:314). Essa é uma das teorias que advém do chamado *communication research*, que se desenvolveu nos Estados Unidos, por volta dos anos de 1970, para estudar o processo comunicacional. A hipótese de *agenda setting* foi nominada pela primeira vez pelos professores Maxwell E. McCombs e Donald L. Shaw, em 1972, com base em uma pesquisa acerca da eleição presidencial americana de 1968. McCombs reuniu dados

sobre o que estava sendo falado no meio jornalístico sobre o tema e também entre o público, encontrando correlações fortes entre esses dois ambientes comunicativos.

Segundo Hohlfeldt (2003), os pesquisadores McCombs e Shaw concluíram, acerca da hipótese do agendamento, que sua influência na sociedade dependerá do grau de exposição do receptor, ao tipo de mídia, grau de relevância do tema abordado, ao interesse do receptor no tema, ao grau de falta de informação, incerteza e necessidade de orientação deste, além, também, da comunicação interpessoal mantida por essa pessoa.

Sousa (2004:293) relembra que as pesquisas de McCombs e Shaw foram antecedidas pelo pensamento de pesquisadores como Lang e Lang (1955), Cohen (1963) e Walter Lippman (1922). O *agenda setting*, no entanto, tornou-se um marco ao delimitar empiricamente, na sociedade norte-americana, que os meios de comunicação influem na vida social levando em conta que: “existem efeitos cognitivos diretos, pelo menos quando determinados assuntos são abordados e quando estão reunidas certas circunstâncias” (SOUSA, 2004:294).

Paralelo à linha de pesquisa do agendamento, desenvolveram-se teorias como a do *framing*. Apesar de seus enunciados se darem em separado, as teorias do *framing* (enquadramento) e *agenda setting* (agendamento) traçam entre si uma complementaridade, conforme indica Colling (2001:94): “Além de estabelecer essa agenda pessoal, os meios de comunicação também teriam o poder de nos dizer como devemos pensar os temas existentes na agenda da mídia”.

O termo *frame* é normalmente atribuído ao sociólogo e escritor canadense Erwin Goffman que, em 1974, analisou o modo como os indivíduos organizam o conhecimento nas ações diárias. Goffman, no entanto, atribui a metáfora do enquadramento a Gregory Bateson, em trabalho de 1972. A comunicação humana só seria possível devido aos *frames*, que criam micro-episódios, micro-realidades, para tornar os fatos compreensíveis e assimiláveis para seus interlocutores. A aplicação desse conceito ao jornalismo, segundo Motta (2007), se dá na medida em que os jornalistas utilizam *frames* narrativos “porque eles facilitam sua tarefa de enquadrar a complexidade do mundo” (MOTTA, 2007:2).

Levando em conta que é possível compreender os significados das notícias a partir do enquadramento organizado pelos jornalistas, deve-se também compreender o cenário em que está inserido e os critérios utilizados por esse profissional quando da produção da notícia. Refletindo sobre o pensamento de autores como Michael Maher e Tankard acerca do conceito de *framing*, Mesquita (2008) concluirá que o

enquadramento seria “um processo que salienta aspectos da realidade segundo as orientações ideológicas e culturais em dada ocasião, que reflete diretamente na maneira com que as pessoas serão informadas sobre determinado assunto” (MESQUITA, 2008:19). Parece-nos, portanto, que essa seja uma estrada possível para um olhar mais claro acerca do noticiário brasileiro sobre o tema do meio ambiente.

A ideia da noticiabilidade de um acontecimento, por exemplo, ilustrará bem a relação entre a sociedade da informação e o noticiário que a ela se destina. Quando um acontecimento ocorre e é escolhido como notícia, ele é agendado para a sociedade, podendo entrar na pauta das conversas do dia a dia da população. A forma como o discurso será construído acerca daquela notícia irá influenciar as próximas reportagens que sairão sobre tal assunto e, também, definirão se essas próximas reportagens serão ou não divulgadas.

Rebello (2006) irá pensar como se formam os temas que serão debatidos no espaço público e, como, a partir do momento em que esses temas estão constituídos, eles podem ser reforçados por novos acontecimentos.

Uma vez mediatizado, o acontecimento vai alimentar o problema público: o encerramento de uma fábrica reforça, em nós, a ideia de crise. Por sua vez, o problema público constitui o quadro explicativo do acontecimento: é por causa da crise que a fábrica encerra (REBELO, 2006: 05).

Podemos talvez alinhar a essa ideia a percepção de que a problemática sobre meio ambiente e mudança climática é sustentada, e revitalizada, a cada novo acontecimento, pesquisa, conferência, ação individual que vira notícia e vem a citar esse tema hoje já popularizado. Para Resende (2006), o jornal (veículo de comunicação) e o jornalista, podem ser considerados articuladores – concomitantemente à existência de vários outros – das relações sociais que se estabelecem no espaço público contemporâneo. Quando se pensa em noticiário sobre meio ambiente e mudanças climáticas, trata-se da formação da imagem do público a respeito do espaço natural em que habita. Dessa maneira, espaço público e espaço geográfico se encontram.

Fontes como gênese do enquadramento

Para realizar uma leitura crítica do noticiário sobre meio ambiente e mudanças climáticas nos meios de comunicação brasileiros, podemos ter como ponto de partida a

busca pela identificação do enquadramento utilizado pelos veículos de comunicação em relação a essa temática. Um dos elementos mais influentes sobre a construção de um enquadramento está na escolha das fontes de informação e da estrutura narrativa utilizada no texto.

Para Mesquita (2008), a busca e consulta às fontes é o primeiro passo para o trabalho de reportagem. “Esta característica presente no jornalismo pode ser vista como o ponto inicial dos enquadramentos textuais, uma vez que a escolha destas fontes pré-anuncia a orientação que a narrativa de um determinado veículo seguirá.” (MESQUITA, 2008:33)

No caso específico do noticiário acerca dos temas meio ambiente e mudanças climáticas, observa-se que há uma escolha relativamente frequente por algumas fontes que vão auxiliar o jornalista na tarefa de apreender temáticas complexas que, por vezes, fazem parte das notícias relacionadas a essas duas pautas gerais. A escolha das fontes para uma reportagem relacionada aos temas meio ambiente e mudança climática é, assim, um reflexo também do grau de compreensão que o jornalista tem acerca dos temas relacionados.

Com a passagem dos anos, desde a década de 1960, quando se viu o início do debate sobre o tema meio ambiente no Brasil, pôde-se assistir a uma ampliação das tipologias de fontes às quais os jornalistas recorrem no processo construtivo de uma reportagem sobre o tema. Luciana Costa (2006) estudou as tendências do tratamento oferecido às questões ambientais pela chamada grande imprensa. Utilizou como base a pesquisa PARD/UFPA/CNPq de 2006 em que se analisou 1.300 artigos e/ou reportagens publicadas nas principais revistas (*Veja, Isto É, Época*) e jornais brasileiros (tais como *Folha de São Paulo, O Estado de São Paulo, Jornal da Tarde, Correio Braziliense, Jornal do Brasil, O Globo* e *O Liberal*) no período de 1975 a 2002. A conclusão foi que as matérias jornalísticas, predominantemente descritivas e factuais, privilegiaram como suas principais fontes os órgãos governamentais.

Tal relato acerca das fontes, no entanto, sofre mudanças ao longo das décadas estudadas. Nas décadas de 1990 e 2000, Miranda (2006:42) observa que “consolidam-se como vozes autorizadas e legitimadas pelo discurso jornalístico para falar sobre a Amazônia as fontes do campo científico e ambiental (particularmente as ONGs), além das vozes do campo político”. A pesquisadora aponta que, ainda na década de 1990, as universidades e institutos de pesquisa se consolidaram como uma das fontes principais dos jornalistas.

Observando-se o trabalho desses autores, percebe-se que a escolha das fontes parece o ponto inicial para se entender o *frame* que as reportagens passarão ao público brasileiro sobre os temas relacionados ao meio ambiente, constituindo o imaginário popular do país acerca de tais pautas. Luckmann (2006) demonstra que a imagem transmitida pelas reportagens é, em geral, pessimista:

Além de abordar as previsões pessimistas sobre como pode ser a vida num planeta em tão drástica transformação, jornais, revistas, sites de Internet e programas de televisão noticiaram com bastante ênfase a conclusão de que esse contexto problemático é, efetivamente, resultado da ação humana – descartando a possibilidade de que as mudanças sejam resultado de processos naturais (LUCKMANN, 2006:56).

Ao analisar os três principais jornais de grande circulação do país, a autora conclui que eles se restringem ao aspecto factual dos assuntos noticiados. Fica claro que as notícias publicadas apresentam a natureza como tendo relação direta com a sociedade; o aspecto *negativo* dessa relação, contudo, é que recebe mais ênfase. Luckmann (2006) aponta ainda para a existência de estudos que demonstram a ênfase no espetáculo como característica também presente no jornalismo ambiental brasileiro.

Para se entender como a escolha das fontes vai relacionar-se com o enquadramento dado às notícias sobre meio ambiente, pode-se utilizar as categorias de fontes elencadas por pesquisadores como Hohlfeldt (2001). Em estudo sobre o tema, o pesquisador indica que, ao mapear o trabalho de diferentes autores, percebeu que as fontes se classificam em algumas categorias comuns. Procuraremos, a seguir, elencar todas as categorias citadas por Hohlfeldt (2001) e sintetizar seu significado.

Quando se fala na relação destas com as instituições de administração pública ou empresarial, temos as fontes institucionais ou oficiosas. As primeiras seriam aquelas que falam em nome de alguém ou de alguma instituição, enquanto as segundas seriam as que, embora sejam parte da estrutura administrativa, podem vir a discordar dela e preferem não se fazer identificar. Pode-se catalogar ainda as fontes em relação à prática do fornecimento das informações. Neste sentido, elas podem ser ativas ou passivas. Ativas as que tomam a iniciativa na informação, buscando os jornalistas, e as passivas sendo aquelas procuradas ou provocadas. Considerando-se o aspecto da continuidade das atividades, as fontes podem ser provisórias ou estáveis, sendo provisórias as consultadas isoladamente tendo em vista um fato e as permanentes aquelas a quem os jornalistas recorrem frequentemente, segundo determinado tipo de informação ou tema.

Seguindo a descrição de Hohlfeldt (2001), teremos a classificação espacial das fontes, dividindo-as em centrais e territoriais ou regionais. As primeiras são constituídas por aqueles que integram os grandes centros de decisão ou as agências dos grandes centros globalizados; as outras são as que se situam em territórios provisoriamente importantes para o acontecimento específico. Atenção ainda deve ser dada as fontes de base, que podem ser consideradas como os especialistas de referência em certos campos específicos de informação.

Mesquita (2008) analisará, em sua dissertação, as fontes mais presentes nos quatro principais semanários brasileiros a partir de outras categorias. Lembrando Manuel Pinto, ele retoma oito categorias:

[...] segundo a natureza (fontes pessoais ou documentais); origem (fontes públicas oficiais ou privadas); duração (fontes episódicas ou permanentes); âmbito geográfico (fontes locais, nacionais ou internacionais); grau de envolvimento nos fatos (oculares/primárias ou indiretas/secundárias); atitude face ao jornalista (fontes ativas, ávidas, ou passivas); identificação (fontes assumidas/explicitas ou anônimas/confidenciais); metodologia ou estratégia de atuação (fontes pró-ativas ou reativas, preventivas ou defensivas) (MESQUITA, 2008:36).

Mesquita (2008) vai referenciar também a classificação proposta pelo professor Nilson Lage, na qual as fontes podem ser classificadas de acordo com seu comportamento em relação aos jornalistas. Neste sentido, seriam oficiais, oficiosas e desvinculadas. Enquanto os dois primeiros tipos já foram explicados anteriormente, as desvinculadas são aquelas que não estão relacionadas ao acontecimento por nenhuma relação de poder ou interesse específico. Mesquita (2008) indica, também a partir do trabalho de Lage, uma classificação mais geral possível às fontes: seriam divididas em fontes primárias e secundárias, correspondendo, respectivamente, aquelas que fornecem os fatos e versões de um dado acontecimento e as que são consultadas pelo jornalista para entender o contexto da pauta, tais como especialistas no tema. A partir dessas classificações pôde-se delimitar alguns pontos pertinentes a serem observados nas reportagens selecionadas para o presente artigo.

Uma observação de *Veja*

O presente artigo traz um levantamento das notícias divulgadas na versão impressa da revista *Veja*, no período de 01 de janeiro a 01 de julho de 2010, sobre os

temas meio ambiente e mudanças climáticas. Apesar de ter como foco a versão impressa do semanário, a pesquisa foi realizada, por motivos de praticidade, por meio do *website* do veículo, em que está disponível um sistema de buscas por palavras chave referente às edições do ano em curso.

Foram utilizadas duas palavras chave para busca no *website*: “meio ambiente” e “clima”. A partir de uma primeira busca, selecionou-se as reportagens, entrevistas, notas e textos afins em que essas palavras fossem citadas no sentido relacionado ao meio ambiente natural do planeta e não no sentido abstrato (por exemplo, “clima organizacional”). A busca inicial resultou em uma lista composta por 50 itens que, após o refinamento segundo o critério citado, resumiu-se para um número de 21 textos analisados.

A proposta desta análise é identificar as temáticas ambientais abordadas nos textos, suas principais fontes, a editoria em que foram publicados e o enfoque dado à relação entre homem e meio ambiente. Importante notar ainda que foram excluídos os textos que fazem parte da seção “Leitor” de *Veja*, mesmo que citassem os termos de busca. Tal opção ocorreu porque o presente artigo dispõe-se ao estudo do enquadramento dado pelos jornalistas aos textos, já as notas da seção “Leitor” são selecionadas por editores, porém não são produzidas por jornalistas.

Cabe também destacar que para estudar o aspecto “temas abordados”, foram elencadas algumas palavras que, segundo a pesquisa teórica referenciada nos itens precedentes desse artigo e a observação das notícias selecionadas para a pesquisa, dizem respeito às principais problemáticas abordadas pela cobertura ambiental de *Veja* neste ano. São elas: meio ambiente, natureza, clima, aquecimento global, desmatamento, poluição, efeito estufa, sequestro de carbono e preservação ambiental. Estas foram palavras-utilizadas na busca das reportagens posteriormente analisadas.

Optou-se também por deixar de fora a palavra de busca “catástrofe” que, de início, havia sido selecionada. Tal escolha se deu porque *Veja* realizou uma ampla cobertura dos abalos sísmicos ocorridos no Haiti em janeiro deste ano e se considerou que tal cobertura – com mais de 1000 registros em notícias do semanário – mereceria um estudo à parte³. Em coerência a essa escolha, também foram excluídas as

³ No dia 12 de janeiro, um terremoto de nível 7 devastou o Haiti, deixando milhares de vítimas e desabrigados. As Forças Armadas Brasileiras foram enviadas ao país da América Central para auxiliar na reconstrução do país e na manutenção da paz no local. Novos abalos sísmicos nos dias subsequentes deixaram também brasileiros entre os mortos e feridos.

reportagens sobre as fortes chuvas que atingiram o Rio de Janeiro no mês de abril de 2010, causando deslizamentos e deixando centenas de desabrigados⁴.

Entendendo os textos escolhidos

Para a melhor visualização da análise realizada sobre os 21 textos selecionados, organizou-se uma tabela. Por meio do tabelamento das informações, determinadas como critérios para essa análise, foi possível quantificar algumas das informações apontadas como pontos de interesse por nossa pesquisa.

Quanto às editorias, o levantamento dos dados configura o seguinte resultado quantitativo: seção “Ambiente” publicou seis reportagens, seção “Entrevista” publicou seis entrevistas, seção “Panorama” publicou duas notas, seção “Guia” publicou duas reportagens, seção “Livros” publicou duas reportagens, seção “Sociedade”, “Brasil” e “Genética” publicaram uma reportagem cada.

Quanto a esse parâmetro de observação, notou-se que as reportagens sobre temas correlatos a meio ambiente e mudanças climáticas puderam ser encontradas em diferentes editorias, ou seja, sobre diferentes abordagens entre as diversas seções de *Veja*. Interessante notar também que a maior parte dessas seções não está sempre presente nas edições da revista.

Quanto ao levantamento de número de citações das palavras-chave escolhidas, chegamos ao seguinte resultado quantitativo: a palavra “natureza” é citada 13 vezes, a expressão “meio ambiente” é citada 16 vezes, a palavra “clima” aparece em sete reportagens, a expressão “aquecimento global” aparece cinco vezes, a expressão “efeito estufa” é citada em quatro textos, a palavra “desmatamento” aparece também quatro vezes, o termo “poluição” será utilizado em três matérias, e a expressão “sequestro de carbono” será utilizada em duas reportagens e, por fim, a palavra “preservação” aparecerá em cinco dos textos estudados.

Em relação ao estudo das fontes das reportagens, foram elencadas um total de 49 fontes em todos os textos estudados. Estas foram classificadas nas 26 categorias pré-determinadas, podendo uma mesma fonte ser classificada em duas ou mais categorias. Obteve-se o seguinte resultado quantitativo: fontes “assumidas” tiveram 45 registros;

⁴ Sobre essa questão ver: RUBIN, Anaqueli; AMARAL, Márcia Franz; POZOBON, Rejane de Oliveira (2010). **Modos de endereçar a Tragédia: indignação, testemunho e piedade**. Trabalho apresentado no GP Telejornalismo no XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

“pessoais”, “episódicas”, 35; “provisórias”, “secundárias” ou “indiretas”, 30; “desvinculadas”, 28; “privadas”, 27; “internacionais”, “de base”, 22; “institucionais”, 16; “territoriais”, “nacionais”, “documentais”, 14; “centrais”, “locais”, 13; “oculares” ou “primárias”, 12; “públicas” ou “oficiais”, 9; “ávidas”, 6; “ativas”, “passivas” 5; “estáveis”, 3; “permanentes”, 3.

Tendo em vista o grande número de categorias listadas, elaboramos o gráfico a seguir para facilitar a visualização das informações:

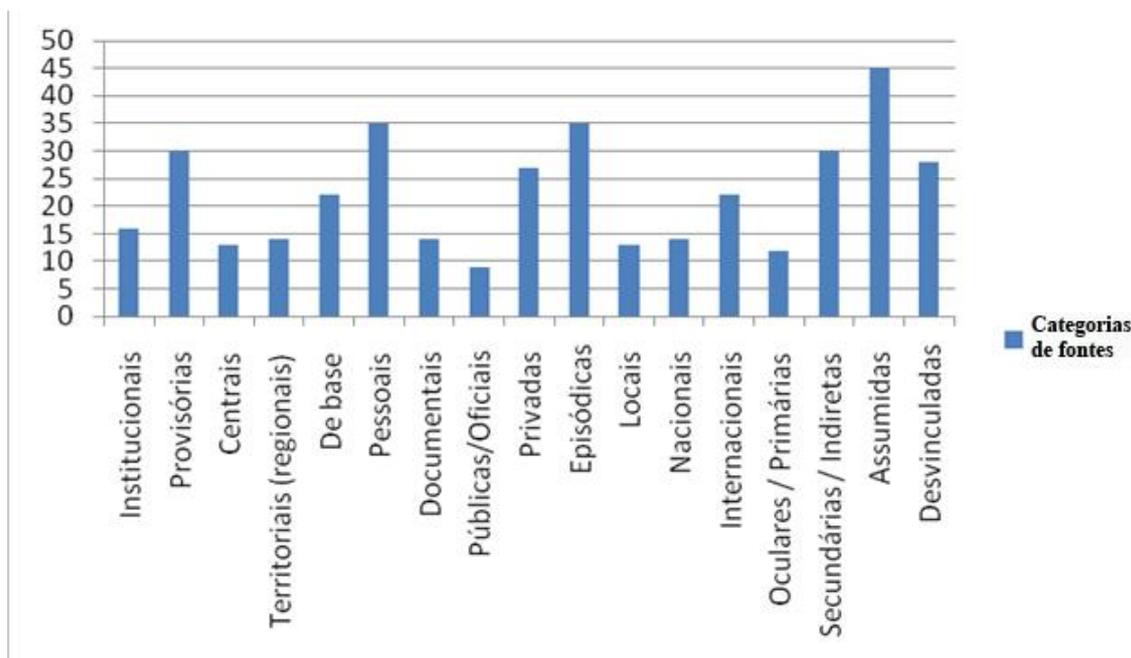


Figura 1. Principais categorias de fontes encontradas

Interessante notar que algumas categorias, entre aquelas relacionadas para essa pesquisa, mesmo tendo sido nomeadas por diferentes autores, trazem significados similares. Essas foram consideradas como equivalentes, sendo, por exemplo, o caso das fontes primárias propostas por Manuel Pinto e Nilson Lage. Vale notar ainda a ocorrência relativamente frequente de fontes provisórias, pessoais, episódicas, assumidas e desvinculadas.

Quando se estudou o enfoque dado por cada reportagem analisada, obteve-se o seguinte resultado: 11 visões otimistas, 7 pontos de vista pessimistas, 3 reportagens consideradas otimistas e pessimistas ou neutras.

A análise do assim chamado enfoque da reportagem foi feito de maneira livre pelas observadoras na tentativa de averiguar a hipótese lançada por Luckmann (2006) de que o noticiário ambiental brasileiro tenderia, em grande medida, para o pessimismo.

Levando-se em conta que não foram pesquisadas as notícias referentes a catástrofes ambientais, o que se tem é uma amostragem que contraria esse ponto de vista, na medida em que se mostra mais otimista do que pessimista. Tal contrariedade pode ser vista de forma parcial, tendo em vista que o critério utilizado para classificação foi a observação se a matéria trazia ou não propostas de soluções à crise do meio ambiente e das mudanças climáticas. Também se procurou notar se o texto abordava o assunto de forma equilibrada ou de forma a indicar reflexos certamente negativos para toda a humanidade a partir dos eventos ecológicos registrados.

Uma pauta em evidência

O levantamento realizado levou à percepção de que os temas relacionados ao meio ambiente e às mudanças climáticas são pautas bastante buscadas por um dos maiores semanários do Brasil, mesmo quando não estão em questão as catástrofes naturais. Percebe-se, portanto, que a temática está em evidência na agenda do público leitor de *Veja*. Seja porque a imprensa leva esses temas ao debate público, seja porque o público demonstra interesse neste debate e assim leva a imprensa a noticiá-lo. O fato é que talvez se possa apontar, a partir do mapeamento empreendido para a elaboração deste artigo, que as questões relacionadas ao meio ambiente e seus principais pontos polêmicos são parte dos interesses dos brasileiros.

Conforme nos lembra Hohlfeldt (2003:191):

dependendo dos assuntos que venham a ser abordados – agendados – pela mídia, o público termina, a médio e longo prazo, por incluí-los igualmente em suas preocupações. Assim, a *agenda* da mídia *de fato* passa a se constituir também na *agenda individual e mesmo na agenda social*.

Assuntos como a busca das empresas por realizar ações de responsabilidade ambiental, a visão de especialistas acerca da problemática internacional do meio ambiente, políticos que têm a causa do meio ambiente entre suas pautas de trabalho e, até mesmo, livros que abordam os temas do meio ambiente demonstram-se frequentes no noticiário da revista pesquisada. Os focos das matérias estudadas reafirmam a constatação de Costa (2006) de que pontos de pauta mais presentes sobre a temática ambiental seriam efeito estufa, aquecimento global, sequestro de carbono, desmatamentos e queimadas.

A diversidade de editoriais nas quais se encontraram citações para os assuntos buscados parece comprovar o argumento de que o meio ambiente é uma temática interdisciplinar, que será vista, no caso das revistas, em diferentes seções. Interessante notar ainda uma grande aparição de pautas versando sobre a questão do meio ambiente na seção “Entrevista” de *Veja*. Num dos espaços mais tradicionais do semanário, as “páginas amarelas” parecem ter a proposta de sempre trazer entrevistas com foco no aprofundamento de questões relevantes da atualidade, dando voz a personalidades reconhecidas.

Nota-se uma predileção da redação de *Veja* por dois tipos de fontes: as oficiais e as especializadas, de base. Demonstra-se, mais uma vez, uma comprovação do que Costa (2006) já enunciara quanto à tendência do jornalismo brasileiro em consultar fontes governamentais para as questões relacionadas ao meio ambiente e, mais recentemente, as fontes científicas.

O discurso científico tornou-se a base do discurso jornalístico sobre a temática, em matérias que avançaram em relação ao mero registro do factual. Em menor escala, mas já apontando para sua consolidação a partir do novo século, as ONGs também ganharam mais espaço nas publicações e se tornaram fontes privilegiadas dos jornalistas (COSTA, 2006:51).

O enquadramento que se vê em *Veja* quando se analisam as reportagens sobre meio ambiente e mudanças climáticas poderá ser, portanto, alvo de estudos a partir da perspectiva de ser também determinado pela escolha de suas fontes. Lembrando a conclusão de Mesquita (2008:130), “a escolha das fontes está intrinsecamente ligada à montagem da estrutura das reportagens, estrutura essa que nada mais é do que o suporte do enquadramento”.

Chega-se a tal conclusão também ao perceber que, após a leitura do noticiário de *Veja*, sobre os temas considerados nesta pesquisa, ficamos com a percepção de que sabemos o que está sendo feito pelo Governo e o que os especialistas consideram sobre o assunto. A consulta de fontes, na maioria das reportagens analisadas, parece se concentrar de forma a confirmar o conteúdo já antes exposto pelo próprio texto da reportagem, com exceção para a seção “Entrevista” que, por sua estrutura de exposição do conteúdo, não permite tal elaboração. Nota-se também o frequente apelo a fontes documentais, como relatórios e documentos, que auxiliam a compor o contexto do noticiário ambiental.

Por fim, vale destacar que o noticiário demonstrou, em prevalência, um enfoque otimista das questões ambientais. Apesar de exporem a problemática ambiental existente, as reportagens consultadas falavam em soluções que vêm sendo buscadas para a melhoria da relação entre homem e meio ambiente.

A análise desse recorte do noticiário de *Veja* é apenas um passo a mais para apontar a necessidade de se estudar a exposição do meio ambiente e das mudanças climáticas nos veículos de imprensa brasileiros. Vivendo em um país de grande riqueza e diversidade natural, parece-nos importante entender o quanto a mídia pode formar a imagem que o público detém das questões ambientais, além das atitudes que podem ser tomadas para contribuir com o equilíbrio natural do planeta. A reflexão sobre tal tema parece capaz de levar a um entendimento mais amplo quanto aos pontos que ainda podem ser mais bem explorados por nossa imprensa; quanto ao papel do jornalista na escolha das fontes e tópicos com os quais construirá a reportagem, quanto à formação especializada que o jornalismo ambiental talvez requeira e, por fim, quanto ao papel que a imprensa brasileira hoje desempenha no agendamento do debate social acerca da questão do meio ambiente.

Referências

BUENO, W. C. Jornalismo ambiental: navegando por um conceito e por uma prática. **Portal EcoViagem**: Turismo Fácil e Interativo, s/d. Disponível em: <http://ecoviagem.uol.com.br/fique-por-dentro/artigos/meio-ambiente/jornalismo-ambiental-navegando-por-um-conceito-e-por-uma-pratica-1239.asp>. Acesso em: 1 out. 2010.

COLLING, L. Agenda-setting e framing: reafirmando os efeitos limitados. **Revista FAMECOS**, PUC, Porto Alegre, n. 14, 2001.

COSTA, L. M. O esverdeamento da imprensa. **Revista Estudos em Jornalismo e Mídia**, UFSC, Florianópolis, n. 2, v.3, 2006.

HOHLFELDT, A. Hipóteses contemporâneas de pesquisa em comunicação. In: HOHLFELDT, A., MARTINO, L. C.; FRANÇA, V. V. (organizadores). **Teorias da Comunicação**: conceitos, escolas e tendências. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

KUNCZIK, M. **Conceitos de Jornalismo**: norte e sul. São Paulo: Editora EDUSP, 1997.

LUCKMANN, A. P. Jornalismo e mídia-educação no contexto do aquecimento global. **Revista Estudos em Jornalismo e Mídia**, UFSC, Florianópolis, n. 2, v.3, 2006.

MASSIERER, C., GIRARDI, I. M. T. Como o campo do jornalismo auxilia na construção dos problemas ambientais. In: **6º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo**. São Bernardo do Campo, 2008.

MESQUITA, F. A. **As fontes jornalísticas no Caso Dossiê**: uma análise de enquadramento da cobertura das revistas Veja, Época, IstoÉ e Carta Capital. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Universidade Estadual Paulista, Bauru, 2008.

MIRANDA, L. O esverdeamento da imprensa. In: **Estudos em Jornalismo e Mídia**, UFSC, Florianópolis, n. 2, v.3, 2006.

MORAES, C. H. Jornalismo Ambiental: dilemas de uma quase especialidade. In: **6º ENCONTRO Nacional de Pesquisadores em Jornalismo**, 2008, São Paulo. 6º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo. São Bernardo do Campo, 2008.

MOTTA, L. G. Enquadramento Lúdico: Dramáticos no Jornalismo: mapas culturais para organizar conflitos políticos. In: **REVISTA Intexto**, UFRGS, Porto Alegre, v. 2, julho/dezembro 2007.

PINTO, R. C. **Ações de responsabilidade ambiental utilizadas como estratégias de legitimação organizacional**, 2009, Monografia (Graduação em Relações Públicas) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2009

REBELO, J. Prolegómenos à Narrativa Mediática do Acontecimento. In: **Trajectos - Revista de Comunicação, Cultura e Educação**. Portugal, n. 8-9, Primavera/Outono de 2006.

RESENDE, F. O jornal e o jornalista: atores sociais no espaço público contemporâneo. In: SOUSA, M. W. (org.). **Recepção midiática e espaço público** - novos olhares. São Paulo: Ed. Paulinas, 2006.

SOUSA, A. L., BARRETO, B. M. V. B. Natureza em pauta: o perfil do jornalismo ambiental em Vitória da Conquista (BA). In: **4º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo**. Porto Alegre, 2006.

SOUSA, J. P. **Elementos de teoria e pesquisa da comunicação e da mídia**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2004.

Reportagens analisadas

ALCÂNTARA, E. O prazer das gêmeas...e outros mistérios da natureza. **Veja**, São Paulo, 31 mar. 2010, ed. 2158. Disponível em <http://veja.abril.com.br/310310/prazer-gemeas-p-132.shtml>. Acesso em 14 out. 2010.

BARROS, J. C. Veja Essa. **Veja**, São Paulo, 17 fev. 2010, ed. 2152. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/170210/veja-essa.shtml>. Acesso em 14 out. 2010.

_____. Veja Essa. **Veja**, São Paulo, 21 abr. 2010, ed. 2161. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/210410/veja-essa.shtml>. Acesso em 14 out. 2010.

BUCHALLA, A. P. Ovos com pedigree. **Veja**, São Paulo, 31 mar. 2010, ed. 2158. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/310310/ovos-pedigree-p-122.shtml>. Acesso em 14 out. 2010.

CARELLI, G. Ambiente Matar a natureza é matar o lucro. **Veja**, São Paulo, 9 jun. 2010, ed. 2168. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/090610/matar-natureza-matar-lucro-p-148.shtml>. Acesso em 14 out. 2010.

FAVARO, T. Como salvar o atum azul. **Veja**, São Paulo, 6 jan. 2010, ed. 2146. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/060110/como-salvar-atum-azul-p-082.shtml>. Acesso em 14 out. 2010.

GRAIEB, C. A mãe natureza é cruel. **Veja**, São Paulo, 27 jan. 2010, ed. 2149. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/270110/peter-ward-mae-natureza-cruel-p-017.shtml>. Acesso em 14 out. 2010.

LINHARES, J. É jovem? É moderno? É Marina. **Veja**, São Paulo, 2 jun. 2010, ed. 2167. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/020610/jovem-moderno-marina-p-174.shtml>. Acesso em 14 out. 2010.

MING, L. A descoberta de uma nova Amazônia. **Veja**, São Paulo, 10 mar. 2010, ed. 2155. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/100310/descoberta-nova-amazonia-p-130.shtml>. Acesso em 14 out. 2010.

_____. Uma chance de evitar o fim. **Veja**, São Paulo, 13 jan. 2010, ed. 2147. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/130110/uma-chance-evitar-fim-p-096.shtml>. Acesso em 14 out. 2010.

_____, SAPIRO, G. C. Eles ainda não são deuses. **Veja**, São Paulo, 26 mai. 2010, ed. 2166. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/260510/eles-ainda-nao-sao-deuses-p-104.shtml>. Acesso em 14 out. 2010.

PETRY, André. Entrevista: Daron Acemoglu - É a destruição criativa. **Veja**, São Paulo, 9 de jun. de 2010, ed. 2168. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/090610/destruicao-criativa-p-021.shtml>. Acesso em 14 out. 2010.

_____. Entrevista Jared Diamond - A liberdade enriquece. **Veja**, São Paulo, 26 maio 2010, ed. 2166. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/260510/liberdade-enriquece-p-019.shtml>. Acesso em 14 out. 2010.

_____. Entrevista: Pavan Sukhdev - O preço da biodiversidade. **Veja**, São Paulo, 9 jun. 2010, ed. 2168. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/090610/preco-biodiversidade-p-156.shtml>. Acesso em 14 out. 2010.

ROMANINI, C. À sombra de um vulcão distante. **Veja**, São Paulo, 21 abr. 2010, ed. 2161. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/210410/sombra-vulcao-distante-p-090.shtml>. Acesso em 14 out. 2010.

SALVADOR, A., COSTA, N. As lições do abismo. **Veja**, São Paulo, 2 jun. 2010, ed. 2167. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/020610/licoes-abismo-p-180.shtml>. Acesso em 14 out. 2010.

SCHELP, D. Bom prato de história. **Veja**, São Paulo, 21 abr. 2010, ed. 2161. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/210410/bom-prato-historia-p-134.shtml>. Acesso em 14 out. 2010.

_____. Entrevista Kátia Abreu: Contra os preconceitos. **Veja**, São Paulo, 28 abr. 2010, ed. 2162, <http://veja.abril.com.br/280410/contra-preconceitos-p-021.shtml>. Acesso em 14 out. 2010.

_____. O visionário de Avatar. **Veja**, São Paulo, 14 abr. 2010, ed. 2160. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/140410/visionario-avata-p-019.shtml>. Acesso em 14 out. 2010.

SEGALLA, V. Eles não deixam a floresta em paz. **Veja**, São Paulo, 2 jun. 2010, ed. 2167. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/020610/eles-nao-deixam-floresta-em-paz-p-082.shtml>. Acesso em 14 out. 2010.

YAMAOKA, M. Natureza mutilada. **Veja**, São Paulo, 3 fev. 2010, ed. 2150. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/030210/natureza-mutilada-p-094.shtml>. Acesso em 14 out. 2010.